

## COMENTÁRIOS À VIDA E PESCA DO ATUM FEITOS À LUZ DA NOSSA TEORIA SOBRE MOVIMENTAÇÃO MIGRATÓRIA DESTE PEIXE



Num mar de espuma e claridade, bicheiro em punho, agarrado a um cabo que lhe serve de apoio, o pescador retira do «copo» os enormes atuns aprisionados numa das nossas armações

pelo capitão-de-mar-e-guerra JOSÉ SALVADOR MENDES

«Assim as armações deveriam, no seu próprio interesse, ser lançadas mais ao mar, porque mais fora «corre» o atum em maior número de cardumes; e, desta forma, se aumentaria apreciavelmente a capacidade de captura destas importantes, antiquíssimas, rotineiras, mas simpáticas artes de pesca.»

«Providenciemos pois, quanto antes, sobre este estado de coisas, a bem da economia da Província, pondo-se de parte a nefasta e bem arrelgada rotina que, a nosso ver, tem possivelmente trazido altos prejuízos para as Companhias de Pescarias Interessadas na exploração da pesca do atum na costa do Algarve.»

**SEMPRE nos interessámos imenso pelas pescas marítimas e, mormente, pela pesca do atum, este esbelto e corpulento filho do mar, à qual temos dedicado desde há longos anos grande e verdadeiro entusiasmo, por a reputarmos a «Grande e Eterna Pesca do Futuro» e por supormos ter visto com clareza o problema da migração desta bela e magestosa espécie marinha em todos os mares e oceanos do Mundo. Lemos portanto, com bastante interesse, a local inserta no Jornal do Algarve sob o sugestivo título: «O Mandador da Armação do «Barril» atribui à inobservância da zona de resguardo das armações a falta de atum».**

Sobre a matéria versada nessa local oferece-se-nos facultar, como é pedida de facto, com bastante interesse, a nossa modesta e despretençiosa colaboração, com vista à consecução de maior produtividade das armações fixas para a pesca do atum da costa algarvia e a um muito maior desenvolvimento da exploração da importante pesca do atum no nosso País.

E, nesta ordem de ideias, passemos a tratar dos assuntos a seguir mencionados, que ao caso bastante devem interessar.

Actualmente lança-se na costa de Faro apenas uma armação fixa para a pesca do atum «de direito», que tem o nome de Cabo de Santa Maria.

Lança-se este aparelho, não se percebe bem porquê, apenas na temporada de pesca «de direito», e não na época de pesca «de revés», quando é bem certo que ele dispõe de outros locais adequados ao efeito, aliás com a previsão da consecução neles de apreciáveis resultados piscatórios que se não afiguram despendiendos.

Lança-se esta armação com «quartel» — e muito bem — e apenas com a boca de ponente, ao contrário do que acontece com as suas similares da costa de Tavira, que se lançam desprovidas daquele precioso elemento e com duas bocas — a de ponente e a de levante, embora uma delas (a do ponente) praticamente para nada pareça servir.

O «quartel» e a «rabeira», dois enormíssimos braços, formam como que um bem desenvolvido ângulo obtuso, cujo vértice se situa aproximadamente no «corpo» da armação. Este ângulo deverá ter a sua grande abertura voltada para o lado donde vem o atum. E a área por ele delimitada deverá considerar-se o

«campo de actividade» da armação respectiva. Deste modo, qualquer armação deverá considerar-se prática e teoricamente bem orientada no seu lançamento, isto é, em condições de efectuar colheitas rendosas, quando a bissectriz do citado ângulo dispuser da mesma direcção que a que tiver o atum na sua marcha ou trajetória média, mas de sentido contrário ao desta.

Conclui na 5.ª página

## A CRISE da indústria corticeira

O NOSSO prezado colega «Voz do Sul», de Silves, apreciando a nossa campanha acerca da crise da indústria corticeira, comenta-a nos seguintes termos:

«O nosso prezado colega «Jornal do Algarve», tem publicado importantes e justos artigos sobre a crise corticeira no Algarve, bem

Conclui na 5.ª página

## O PROBLEMA DO BIQUEIRÃO

DOS srs. Francisco Ribeiro Moredes e Camilo Viegas Agostinho, industriais de Olhão, recebemos uma amável e extensa carta acerca do alarme que lançamos sobre o possível condicionamento de exportação do biqueirão, condicionamento que forçosamente implicaria redução nas pescas e todas as consequências inerentes a uma limitação de actividade, e que traria, porque não pode praticar outra modalidade, a mediata supressão da secular indústria de conservas de peixe pelo sal (estivas), cujos interesses, aliás tão respeitáveis como os da indústria de molhos, vêm sendo incompreensivelmente abandonados por quem de direito e so-

frendo atropelos e ilegais concorrências.

Lemos atentamente a epístola e nela não encontramos absolutamente nada que contrarie o que já dissemos. Circunstanciam-se por menores que não interessam para o

Conclui na 6.ª página

## PORTOS

Nos primeiros nove meses deste ano os rendimentos das Juntas Autónomas dos Portos de Sotavento e Barlavento do Algarve foram, respectivamente, de 3.142.464\$80 e 1.625.059\$90.

## FOI ENVIADO UM TELEGRAMA AO SR. MINISTRO DA EDUCAÇÃO durante a festa dos antigos professores e alunos do Liceu de Faro a solicitar que o nosso principal estabelecimento de ensino volte a ter João de Deus como patrono

DECORREU muito animada a festa de confraternização dos antigos professores e alunos do Liceu de Faro que se realizou no passado domingo em Lisboa. A manifestação começou com uma missa nos Jerónimos, por alma dos professores e condiscípulos falecidos, celebrada pelo rev. João Mendes Cabeçadas, antigo aluno que, no final, fez uma prática lembrando o ambiente liceal do seu tempo. Em seguida foram todos em romagem ao túmulo de João de Deus. Depostas flores na jazida do poeta, guardou-se um minuto de silêncio, findo o que o sr. Maurício Monteiro pronunciou algumas palavras de exaltação da memória do poeta de «Campo de Flores» e do benemérito pedagogo.

Ao almoço, na sede da F. N. A. T., a que assistiram, como a todos os actos, muitas senhoras, presidiu o sr. general Santos Correia, o mais

antigo aluno do liceu, sentando-se também na mesa da presidência os srs. coronel Sousa Rosal, deputado pelo Algarve; major Mateus Monteiro, presidente da direcção da Casa do Algarve e dr. Maurício Serafim Monteiro.

Brindaram os srs. major Mateus Monteiro e sr. general Santos Correia.

Conclui na 5.ª página



Os antigos professores e alunos reunidos nos Jerónimos

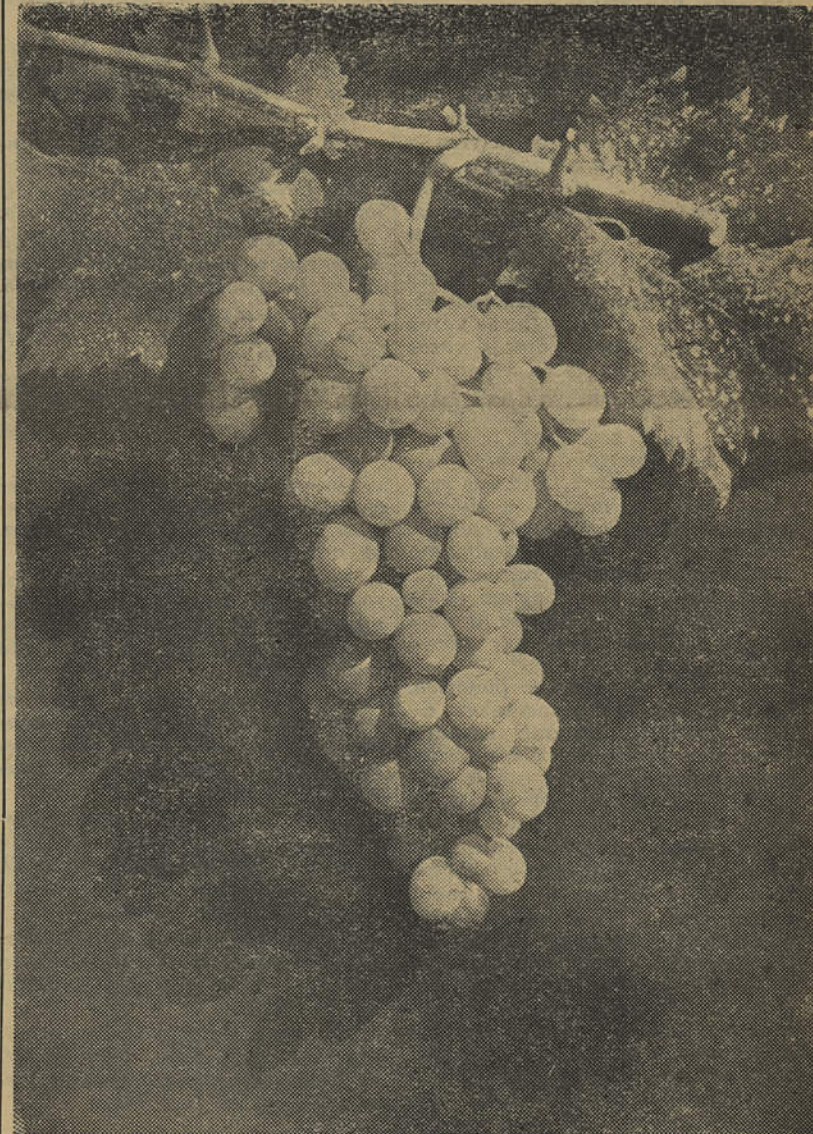
## A ACCÇÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DO ALGARVE NA VALORIZAÇÃO DOS NOSSOS MAGNÍFICOS VINHOS

OS AMERICANOS QUERIAM ADQUIRIR TRÊS MILHÕES DE LITROS DE VINHO DE LAGOA

ESPALHADAS por todo o País estão a funcionar, ou em vias de iniciar a laboração, mais de trinta Adegas Cooperativas no Continente e uma na ilha do Pico. Uma grande parte foi construída exclusivamente pela Junta Nacional do Vinho com o fundo Corporativo da Vinicultura, outras subsidiadas por este organismo — na área da sua influência — e pela Junta de Colonização Interna, sob as directrizes do Ministério da Economia. No Algarve estão funcionando

quatro: uma em Lagos, optima construção de cimento armado, com a capacidade de 2.000 pipas, outra em Lagoa, a maior do País, que pode armazenar, actualmente, cerca de 6.500 pipas, e as de Portimão e Tavira, em instalações provisórias, que armazenam, aproximadamente, 1.000 e 500 pipas, respectivamente.

Trata-se, neste momento, da escolha dos locais e aquisição dos terrenos para se iniciar a construção definitiva das Adegas de Portimão e Tavira, e estuda-se ainda a



E' de cachos de uvas como este que se obtêm os saborosos vinhos do nosso Algarve

## A OBRA DE TEIXEIRA GOMES

COM «Cartas a Columbano», que já enriquece as montras das nossas livrarias, começa a reedição das obras completas de Manuel Teixeira Gomes. Impunha-se que tal se fizesse porque não devia continuar ausente da vida intelectual do País a obra de um dos nossos grandes mestres da prosa, de um delicado estilista, de um esteta singular. Dizemos ausente porque na realidade uma parte dos livros de Teixeira Gomes há muito que se esgotara e pediam-se preços incomportáveis para as modestas bolsas por aqueles poucos que alguns livreiros ciosamente guardavam. Merece pois caloroso aplauso a Portugalia Editora pela sua iniciativa que quase podemos classificar de benemérita, porque benemerência não é somente dar agasalho e esmola, sendo justo neste louvor prestar homenagem ao nosso estimado comprovinciano sr. J. Agostinho Fernandes, amigo de

Conclui na 5.ª página

Visado pela delegação de Censura

A saúde é a maior riqueza

CAFÉ, ÁLCOOL E FOME

O café e o álcool fazem desaparecer, durante algum tempo, a sensação de fome, mas não evitam os efeitos da insuficiência de alimento: prisão de ventre, perda de peso e diminuição de resistência às doenças.

Procure alimentar-se convenientemente, evitando o álcool e o excesso de café, principalmente antes das refeições.



por CASIMIRO DE BRITO

Domingo à tarde:

Rua de Santo António

Ao domingo à tarde a Rua de Santo António parece um céu aberto. Os farenses não saem para a rua, saem para a rua de Santo António. Vem de todas as partes, de S. Luís ou do Alto Rodes, de ao pé da Estação ou das bandas do Largo de S. Francisco e, sem mais nem ome, toda a minha gente se põe a passear, de baixo para cima e de cima para baixo, na vetusta Rua de Santo António. Por um é-não-és a dita não esgota a sua lotação de passeantes. É um andar-se um passo e parar-se dois minutos para que a levada que vem de lá passe por sua vez. Movimento humano, massas em movimento, vida bamboleando-se sorumbática ou efusivamente...

São elas e são eles, refiro-me aos jovens. O intuito é o mesmo, se me é permitida uma generalização. Há o ver, o gostar de ver, e todos os derivados que os espíritos com tendências para a idealização queiram alinhar. Recordo-me, por exemplo, que, quando tinha os meus 11 ou 12 anos (e por aí fora, até não sei quando...) fazia uma ginástica formidável para ver (contactar, pseudo-deliciar-me com) esta ou aquela. Eu e todos os outros, os de então e esses que agora nos tomaram o lugar na escala. Nós... e elas também, porque não? Mas isso é terreno de suposições! Agora a modalidade é outra: há o espírito de observação, há a tendência para o equilíbrio num arame espacial, crítico, que me alheie em parte — que me divida entre o «eu» totalmente «homem-vulgar» e o outro «eu», não menos humano, mas essencialmente «estudioso do humano»...

O caso é que ao domingo à tarde, esta Rua de Santo António é um autêntico estrado onde passam os homens-manequins que vivem a sua vida, se amam e enganam, que passam porque têm de passar. Alargando, chegar-se-á à conclusão certíssima de que a vida é um «passar», um «tornar a passar», um «sempre passar». E a Rua de Santo António também o é: eles passam, nós passamos, não se sabe às vezes porque mas sabe-se outras vezes que valeu ou não valeu a pena. A Rua de Santo António, que é tão somente uma rua de uma cidade simples, pode ser também, encarado o seu aspecto simbólico, o sinal que nos afiança, que nos reafirma, que continuamos a viver e que «os outros» também vivem. E que é natural, fundamentalmente necessário, ver que os outros ainda vivem, ainda se movimentam, ainda se bamboleiam e procuram uma «vaga» qualquer coisa que nunca se sabe qual é.

Entrando no carácter pictórico, também esta Rua principal da cidade promete bastante assunto. Olhai com pressões classificatórias os que passam: há aquele grupinho de criadas de servir que, só tendo de sua conta a tarde de domingo, olham paludicamente para os que passam. Anseiam e receiam. Será hoje? É isto que os meus olhos vêem... E há aquele grupo ruidoso de estudantes: perseguem duas caloiras de três assobios, muito dentro (fora) de si, donos deste e do outro mundo. Dizem que fazem e acontecem. Depois, o grupo espalha-se, e cada um se escolhe por seu lado... E há ainda o Zézinho, acompanhado pelos seus cinco ou seis canídeos. Dá vivas ao Farense, a Portugal, a toda a gente. Leva uma «manta» dentro de si que lhe dará aquecimento por algumas horas. Foi de alegria: o Farense ganhou. Mas se o Farense tivesse perdido, a «manta» tomar-se-ia na mesma: seria de tristeza!

Ao fim e ao cabo a Rua de Santo António é um lugar onde os farenses vão passear as tardes do seu domingo; acontecimento natural que, por isso mesmo, se tem de considerar. Um dos inconvenientes desta Via de Passeantes é o trânsito de carros, permitido numa das direcções. Provado como está que todos os domingos se repete a enchente, que o de-cá-para-lá e o de-lá-para-cá ocupam de lés-a-lés toda a Rua, porque não impedem o trânsito pela Rua de Santo António aos domingos? Parece-me uma medida razoável, utilíssima, necessária... Se não erro, num domingo do ano passado, experimentou-se essa modalidade. E resultou. Passeava-se mais à vontade...

Que tal se já no próximo domingo se desviasse o trânsito dos carros por outra rua adjacente? Apesar dos «fabianos» que também querem passear o carro... ficaram um pouco aborrecidos com a inovação? Oxalá!

NOVA CARREIRA de camionetas

Foi concedida à Empresa Rodoviária Sotavento do Algarve, Lda., uma carreira provisória de passageiros entre Crujeiros e Vila Real de Santo António.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Em missão oficial, encontra-se em Lisboa o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

Partiu para Londres, acompanhada de sua esposa, o nosso amigo sr. eng. M. D. M. Falconer, representante consular britânico em Vila Real de Santo António.

Com pouca demora, esteve nesta vila o sr. Dante Barbosa Guerreiro, nosso assinante em Lisboa.

Esteve em Vila Real de Santo António, com sua esposa, o sr. João Gonçalves Conceição, chefe da estação dos Caminhos de Ferro em Tunes.

Encontra-se em férias nesta vila, com sua esposa, o sr. Francisco C. Delgado Cipriano, que foi transferido da agência de Beja da Caixa Geral de Depósitos, para a sede em Tunes.

Foi a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. José de Lima.

A fim de assistirem ao casamento de sua prima, que noutro lugar noticiamos, estiveram em Vila Real de Santo António, a menina Rita Alice Caisso Rosa, filha do sr. Hostílio Bandeira Rosa, nosso assinante em Lisboa, e os srs. Manuel e Sebastião Rodrigues Marques, nossos assinantes em Loulé, o último fazendo-se acompanhar de sua esposa e filha.

Depois de ter passado as suas férias nesta vila, regressou a Lisboa o nosso assinante sr. José Valentim do Nascimento.

De visita a seus sobrinhos, encontra-se nesta vila, em casa do sr. José Rodrigues Marques, a sr.ª D. Amália Rodrigues Peres, residente em Loulé.

Esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria Hermenegilda de Sousa, nossa assinante em Estoi.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Rita Machado Caisso, irmã do nosso assinante sr. António Adrião Machado.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção, o sr. Arthur de Moura, nosso assinante em Martinlongo.

Vimos nesta vila o sr. Laurentino José da Silva Baptista, nosso assinante em Tavira.

Esteve em Vila Real de Santo António o sr. José Rodrigues Palma Júnior, nosso assinante em S. Sebastião dos Carros.

Acompanhado de sua esposa e neto, esteve em S. Bartolomeu de Messines o sr. José de Brito da Silva, nosso assinante nesta vila.

Estiveram em Braga, onde foram assistir ao funeral de seu cunhado, que noutro local noticiamos, os nossos assinantes srs. José e João Leal Socorro.

Regressou de Lisboa, depois de participar no concurso para sargentos, o 1.º cabo da Guarda Fiscal, sr. João Gomes Pimenta, nosso assinante nesta vila.

De passagem para a sua propriedade das Choças, esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria das Dores Correia Domingues, residente em Lisboa.

Depois de uma temporada em Évora, em serviço oficial, regressou a esta vila o nosso assinante sr. tenente João Miguel.

Regressou de Matosinhos, acompanhada de sua filha, a sr.ª D. Hélia Rodrigues Salas, esposa do nosso assinante sr. José Salas.

Gente nova

Em Lisboa, na casa de saúde de Palhavã, teve o seu feliz sucesso, no dia 1, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Eugénia Ramirez Sanches Horta Correia, esposa do nosso assinante sr. dr. António Manuel Capa Horta Correia.

Em Olhão, onde reside, deu à luz, com felicidade, uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Jocelina Pereira de Sousa Viagas, esposa do sr. José Martins Viagas, nosso assinante naquela vila.

Casamentos

Na igreja de Nossa Senhora d'Assunção, em Vila Nova de Cacela, realizou-se, no domingo, o casamento da sr.ª D. Maria Josefa Machado Correia, filha da sr.ª D. Maria Emília Machado Correia e do nosso amigo sr. António Peres Correia, gerente industrial, com o sr. João António Pereira de Campos, filho da sr.ª D. Emília Adelaide Pereira de Campos e do sr. Alfredo de Campos Faisca, comerciante. Apadrinharam o acto os pais dos noivos, tendo estes fixado residência em Vila Real de Santo António. Jornal do Algarve deseja-lhes muitas felicidades.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito, telefone 31.

BARDAHL

ECONOMIA

Os vinhos italianos

Eis a lista de alguns dos mais conhecidos vinhos italianos:

Branco — Ansonica, doce e perfumado, de 12 graus; Asprigno, refrescante e leve, conserva-se nas covas frescas de Nápoles; Capri, indicado para o peixe; Cortese, do Piemonte, seco e perfumado, lembra o Riesling; «Est, est, est», o mais famoso vinho dos castelos, seco ou doce, passou à história em 1111; Falerno, já celebrado pelos Césares (Trajano bebia um falerno que tinha dois séculos de colhido), normalmente deve envelhecer vinte ou trinta anos; Marsala, vinho de sobremesa siciliano, de fama mundial, criado por um inglês no século XVIII para fazer concorrência ao Porto; Vernaccia, vinho jovem da Sardenha, de 15 graus e Zucco, da Sardenha.

Tintos — Barbaresco, do Piemonte, cor violeta, com as qualidades do Borgonha e do Bordéus; Barolo, Piemonte, tinto carregado com perfume de especiarias, de 13 a 15 graus, figurou sempre na mesa de Napoleão; Chianti, o mais famoso vinho tinto de Itália, exporta-se para Inglaterra há trzentos anos (a sua marca de garantia é um galo preto sobre fundo vermelho; a garrafa é empalhada); Montepulciano, vinho da Toscana; Nebibolo, vinho do Piemonte, perfumado e rico em tanino, com 13 graus.

Opiniões sobre o mercado comum

hábil inquérito levado a cabo por 10.000 inquiridores em dez países sobre o Mercado Comum Europeu. E' bom ou mau o M. C. E.? O resultado do inquérito publicado no «New York Herald Tribune» é, aproximadamente, este:

Áustria, bom, 49 por cento; mau, 9 por cento. Bélgica, 52 e 4. Inglaterra, 39 e 15. Dinamarca, 45 e 3. França, 34 e 15. Alemanha Ocidental, 41 e 12. Itália, 43 e 7. Holanda, 38 e 18. Noruega, 40 e 9. Suécia, 33 e 13. O resto dos inquiridos não manifestou opinião.

Novo tipo de adubo

Os desperdícios da madeira fornecerão, num futuro próximo, uma fonte valiosa de adubo de azoto. Experiências realizadas nos laboratórios agrícolas da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, demonstraram a riqueza em azoto da serradura dos abetos e pinheiros, quando da pesquisa de adubos de longa duração para o crescimento dos crisântemos. O produto, ainda não comercializado, é obtido pelo tratamento da polpa da madeira com ácido e amoníaco.

ALOTA mais cara do País

TEMOS presente os números referentes a Setembro das vendas de peixe efectuadas pelas artes inscricitas no Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha. Por esses números se verifica que a lota de Vila Real de Santo António continua a ser a mais compensadora do País para os pescadores, pois em nenhuma delas a sardinha atingiu o elevado preço de 5\$45 o quilo, embora nesse mês Vila Real de Santo António tivesse sido o segundo porto pescador do Algarve dessa espécie de peixe. Vejamos os preços que regularam nas nossas lotas, por quilo: Vila Real de Santo António, sardinha, 5\$45; bi-queirão, 5\$79; diversos, 2\$71; Olhão, sardinha, 3\$54; bi-queirão, 2\$81; diversos, 1\$85; Portimão, sardinha, 4\$72; diversos, 1\$24; Lagos, sardinha, 4\$67; carapau, 3\$15; diversos, 1\$30. Em Matosinhos uma pequena «teca» de bi-queirão vendeu-se a 77 o quilo.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO Telefone 475

Colchões MOLAFLEX

Com um lado para Verão e outro para Inverno, com dez anos de garantia para as molas. Representante em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Emiliano da Conceição Viegas

Rua Teófilo Braga, 75 e 77

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 29 de Novembro a 5 de Dezembro

ENTRADOS: Portugues «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Portugues «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, vazio; Portugues «Madalena», de 1.198 ton., de Setúbal, com carga em trânsito; Alemão «Rolandseck», de 1299 ton., de Faro, com carga em trânsito; Portugues «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

SAÍDOS: «Mira Terra» e «Zé Manel», com minério, para Lisboa; «Madalena», com sal, para o Funchal; «Rolandseck», com cortiça em prancha, rolas e conservas, para Hamburgo.

LOTAS DO ALGARVE

Vila Real de Santo António

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro

Table with columns for lot names and values. Includes TRANEIRAS: Tracainita, Brisa, Maria Rosa, Liberta, Aldita, Alvarito, Novo S. José, Flor do Guadiana, Norte, Vuleão, Oeste, Sr.ª da Piedade, Amazona, Audaz. Total: 294.228800

Olhão

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro

Table with columns for lot names and values. Includes TRANEIRAS: Amazona, Oeste, Sr.ª da Piedade, Sr.ª da Saúde, Jomanel, Noroeste, Estrela do Sul, Clarinha, Salvadora, Restauração, Persistente, Luis Fernando. Total: 95.505900

Armação de Pera

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro

Valor da pesca neste período Total: 22.719800

Portimão

de 28 de Novemb. a 4 de Dezembro

Table with columns for lot names and values. Includes TRANEIRAS: Portugal VII, Marisabel, Maria Benedito, Anjo da Guarda, Oressa, Dorita, Pérola do Barlavento, Pérola de Lagos, Flora, Lua Nova, Maria Sérgio, Pérola do Arade, Sr.ª do Cais, Praia Amélia, Farilhão, Santo Inácio, Lusitana, Maria do Pilar, Praia do Vau, Ciclon, Cristina Leote, Foia, Melinha. Total: 146.870900

REPRESENTANTES DA PESCA E CONSERVAS na Câmara Corporativa

OS procuradores à Câmara Corporativa que constituem a secção de pesca e conservas são os seguintes: pesca, srs. comodoro Daniel Duarte Silva, presidente do conselho geral do Grémio dos Armadores da Pesca de Arrasto; Raul Alves Fernandes, presidente da direcção do Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau, pela Indústria; António Pereira Torres Fevereiro, pela Casa dos Pescadores e Arnaldo Duarte Periquito, presidente do S. N. dos Motoristas Marítimos do Distrito de Leiria, pelos trabalhadores; conservas de peixe, José Joaquim Mendes Furtado, presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Barlavento do Algarve; Dinis Lopes David, presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setúbal, pela produção; António Aires Ferreira, presidente da direcção da Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários da Indústria de Conservas, e José Alexandre Rodrigues, presidente do conselho geral da mesma Federação, pelos trabalhadores.

NA PRÓXIMA PRIMAVERA ARMAÇÃO DE PERA

terá um mercado modelar

ARMAÇÃO DE PERA — Vai ser transferida para esta localidade a antiga praça da verdura de Silves, pondo-se assim termo à venda em plena rua, sujeitas à poeira e outras imundícies, das hortaliças e outros produtos alimentares.

Para tal fim esteve aqui o sr. dr. Carlos Alberto Lucas de Lança Falcão, presidente da Câmara Municipal, grande amigo desta terra e entusiasta do seu desenvolvimento turístico, o qual com o sr. presidente da Junta de Freguesia e mestre de obras da Câmara, tratou da medição e aquisição do terreno.

Na praça serão feitos melhoramentos nos tabuleiros de venda de fruta e peixe, assim como nas instalações de venda de carne. Serão também feitas instalações sanitárias e abertas novas ruas para facilitar o acesso à praça e melhorar o conjunto urbano.

Este melhoramento, que deve estar concluído na próxima Primavera, beneficiará grandemente esta povoação e praça que é das melhores do Algarve. — E. S. P.

«A Voz de Loulé»

ENTROU no 6.º ano de publicação o nosso prezado colega «A Voz de Loulé», da proficiente direcção do sr. dr. Jaime Guerreiro Rua. O simpático colega, que tão úteis serviços tem prestado ao seu concelho, lamenta-se do desinteresse de que tem sido objecto por parte daqueles que tinham a obrigação e o dever de o amparar, e como consequência desse desinteresse voltará a publicar-se quinzenalmente. Lastimamos que tal suceda mas o facto não constitui surpresa para quem labuta desinteressadamente na imprensa regional. Se bem que não tenhamos que nos lamentar, reconhecemos no entanto que a Província não sabe corresponder ao esforço da sua imprensa. Se a não tem melhor a culpa é exclusivamente sua.

Ao prezado camarada louletano, ao seu ilustre director e ao seu esforçado editor apresenta o Jornal do Algarve os seus protestos de camaradagem, com votos de longa vida e com os desejos de que Loulé saiba acarinhar o seu jornal.

XXXVI

(MANHÃ DIALÉCTICA)

Foi numa manhã de flores lúcidas (com o sol a nascer oculto) que vi de repente romper das pedras e das árvores uma luz de terra a iluminar a discórdia de tudo da harmonia de haver alma a sangrar da realidade.

E desde então fiquei preso ao suor do sol e do mundo pelas algemas da liberdade.

XLVII

(UM MOMENTO DE FILOSOFIA BARATA)

Para além do «ser ou não ser» dos problemas ociosos que importa é isto: — Penso nos outros. Logo existo.

“RETRATO” DO BALANÇO DA PRIMEIRA VOLTA UM IMPRESSIONANTE «SPRINT» SOBRE A META DA VIRAGEM confirmou a palavra «leader»

A meio da prova, quando o título Sul tem 75% de possibilidades de revalidação (até para dois lados... como o domínio), passemos em revista o entrecho das 13 jornadas já desbobinadas, analisando o que os clubes algarvios foram capazes de conseguir frente à outra «equipa» de 11 concorrentes, e a que a imprensa, de um modo geral, tem aludido entusiástica de adjectivos e objectivas:

ANÁLISE Começemos pelo comportamento dos três conjuntos algarvios em relação aos seus congéneres:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., FARENSE 15 10 0 3 19-13 20)

Analisando o comportamento dos grupos algarvios, quanto à sua posição destacada no cimo da tabela, vemos que a 1.ª volta-Sul apenas conheceu «comandantes» algarvios:

Table with 2 columns: Club Name and Number of Journeys (e.g., FARENSE 8 jornadas)

tendo, para tanto, influído, decisivamente, o comportamento dos «elencos» algarvios, frente aos representantes das outras associações, como passamos a demonstrar:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., FARO contra: SETÚBAL 6 5 1 0 15-01 11)

com uma série de 25 vitórias, 1 empate e 7 derrotas para 35 jogos disputados dos quais resultou o «golo-averagem» de 92-55.

No «conflito» regional citado, compreendendo as seis partidas disputadas em Olhão, Faro e Portimão, o Olhanense domina a «questiúncula» com os seguintes números:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., OLHANENSE 2 2 0 0 4-0 4)

De entre as derrotas impostas pelos grupos algarvios aos seus adversários, «fora-de-portas», destacaremos:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., Portimonense 5-1 ao Coruchense)

Já inter-muros, os «scores» mais robustos foram:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., Portimonense 6-0 ao Almada)

Em aspecto inverso, as derrotas mais expressivas consentidas pelo «trió» de representantes da A. F. Faro, foram:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., Olhan. 2-5, frente ao Coruche, casa)

O Algarve apenas totalizou o máximo de vitórias com todos os seus representantes em triunfo, na 1.ª, 4.ª e 12.ª rondas, com 9/5, 9/2 e 15/1 golos totais favoráveis, respectivamente.

Analisando, de por si, as jornadas no total de golos verificados, vemos que:

1.ª jornada — 28 golos, com 14 para visitantes e 14 para visitados; 8.ª jornada — 29 golos, com 21 para visitados e 8 para visitantes; 11.ª jornada — 28 golos, com 19 para visitados e 9 para visitantes, foram as etapas que maiores números ofereceram.

No decurso da prova, 12 equipas tiveram actuação sem ataque, isto é, sem marcar golos, pertencendo as honras da volta ao Montijo e Atlético, que actuaram 6 horas sem concretizar tentos. Vejamos o apuramento:

Table with 2 columns: Club Name and Record (e.g., Montijo 6 horas: 0-2, 0-0 e 0-0)

Amealharam pontos positivos no decurso das 13 jornadas: Farense (+8 -0 = 8); Olhanense (+7 -2 -5); Juventude (+6 -2 = 4); Portimonense (+6 -2 = 4); Atlético (+5 -3 = 2); Serpa (+5 -2 = 3); Beja (+6 -4 = 2); Arroios (+6 -5 = 1); Montijo (2 -2 = 0). Ficaram em desvantagem: Coruche (+3 -5 = 2 neg.); Estoril (0 -4 = 4 neg.); Almada (0 -7 = 7 neg.); Portalegre (+4 -10 = 6 neg.); Montemor (+1 -9 = 8 neg.).

A carreira dos três grupos algarvios oferece o seguinte aspecto: FARENSE . VDVVVVVVDVVV Olhanense . VVDVVVDVVVVV Portimonen. VVVVDVVVDVV

tendo sido o Farense o recordista de domingos sucessivos sem perder, com 6 jornadas; o Olhanense o único dos três grupos que registou um empate, e o Portimonense o que mais acentuadamente alternou vitórias com derrotas.

MARCADORES

Como os melhores marcadores individuais algarvios, são de referir os seguintes nomes: Parra, 11 golos; Alexandrino, 7; Realito, 6; Remígio, 5; Ângelo, 5; Queimado, 5; Jorge, 5; Romão, 4; Silvío, 4 e Cava, 4.

Com vista aos nomes que através do campeonato têm evidenciado melhores notas de regularidade, teremos 22 jogadores distribuídos por duas selecções, assim:

Novos: Daniel; Tino, Coelho e Reina; Poeira e Bento; Brito, Cava, Romão, Parra e Alexandrino.

Velhos: Isaurindo; Luz, Ventura e Reina; Vieirinha e Bento; Camarinha, Armando, Ângelo, Remígio e Queimado.

AQUISIÇÕES

No aspecto de aquisição de estrangeiros, os nomes de Realito, J. Maria, Tarro, Mendaña, Di Paola têm cumprido satisfatoriamente no seu enquadramento nos grupos do «Leões de Faro» e Barlaventinos, apresentando o Olhanense a particularidade de ser o único grupo sem estrangeiros.

Também as «importações» de nacionais são de referir, com notas para Coelho, Ângelo, Armando, Remígio, Vinagre, Andrade, faltando ver Aparício, que se propala ser um elemento do Sporting Farense.

Como «importados» dos «juniores», a comprovar a utilidade de carinho pelas categorias inferiores: Paulo, Tino, Rui, Ginjão e Duarte,



A valorosa equipa do Sporting Clube Farense «leader» do Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

são de saudar, embora tenham surgido a denotar as naturais hesitações que a categoria «reservas», por inexistente, não permitiu eliminar.

Referiremos ainda as presenças de Bento e Fonte Santa (que não são propriamente aquisições), Costa e Silvío e as adaptações de Vinício a n.º 4, bem como Reina a n.º 5.

TREINADORES

Falta falar dos nomes de José Conclui na 4.ª página

ACTUALIDADES



DESPORTIVAS

BASQUETEBOL

As Regatas do XX Aniversário do C. D. O.

No seu XX Aniversário, o Clube Desportivo «Os Olhanenses», que recentemente criou uma «pseudosecção» de Vela (como já escreveu um conhecido cronista veltico no Órgão da Diocese do Algarve), organizou no passado domingo regatas de Moth, Snipes, Lusitos e Sharpies de 9 m2.

E' com simpatia que vemos sempre a realização de quaisquer provas velticas no Algarve e foi com verdadeira satisfação que tivemos conhecimento de que o simpático Clube Desportivo «Os Olhanenses», que só se dedicava aos chamados desportos pobres, tinha resolvido criar uma Secção de Vela. Apesar disso, e de desejarmos poder felicitar «Os Olhanenses» pelo seu 20.º aniversário e por não se ter esquecido a vela para as comemorações, não podemos deixar de dizer: Assim, não!

É que «aquilo» não chegaram a ser regatas. De facto, não há ali ainda uma verdadeira Secção de Vela, mas sim a hipótese de uma futura Secção de Vela que, a continuar dirigida nos mesmos moldes, só prejudicará o desenvolvimento da vela em Olhão e no Algarve. Se não, vejamos:

Já em Setembro último, a Secção de Vela do Clube Desportivo «Os Olhanenses» enviara ilegalmente e sem conhecimento superior, um Snipe do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa de Olhão, a Espanha, correr em seu nome, facto este que já é do conhecimento público, pois Conclui na 4.ª página

O LUSITANO INAUGUROU o seu campo de Basquetebol

Com a presença do presidente da assembleia geral, rev. Joaquim H. Galhardo Palmeira, o Lusitano inaugurou no passado domingo, como previamente anunciámos, o seu Campo de Basquetebol, no Parque de Jogos «Francisco Gomes Socorro». Trata-se de um melhoramento que muito irá beneficiar os atletas, pois ali encontram um recinto com boas condições para a prática da modalidade. Não podemos deixar de apontar o labor insano dos jovens basquetebolistas encarnados, pois com o seu trabalho desinteressado e boa vontade, que foi até a sacrifício na vida profissional e particular, já não falando nas suas ajudas materiais, e o dos dois dirigentes de eleição, srs. Luís Félix da Silva e João Ilídio Setúbal, conseguiram Conclui na 4.ª página

CAMPEONATO DISTRITAL

Começa amanhã a ser disputado o Campeonato Distrital, com a participação de sete clubes com duas equipas cada (1.ª e 2.ª categorias).

1.ª jornada: 1.ª e 2.ª categ., S. C. Farense-S. C. Olhanense (S. Luís); i.ª e 2.ª categ., C. D. «Os Olhanenses»-S. L. e Faro (Liberto Sousa); 1.ª e 2.ª categ., Ginásio C. O.-Lusitano F. C. (A. Gourveia).

Os jogos realizam-se às 10 horas (2.ª categoria) e 11 horas (1.ª categoria).

Manuel da Silva Domingues

Agente das Tintas

«EXCELSIOR»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão (XIII Jornada)

Quatro golos - Quatro pontos - Dois triunfos numa jornada com o número treze e algo de fatídico para alguns...

Olhanense, 1 — Estoril, 0

Marcador: Costa

Sofrimento da bancada até ao 84.º minuto, em que a bola encontrou finalmente a rede — finalidade do «association».

O Olhanense acusou alguns remendos no «team», e actuou com períodos definidos e trechos apáticos, misturando o bom e o mau numa partida que não foi das suas melhores hora e meia.

O Estoril, em ascensão nítida, foi adversário que só se vergou quando o remate de Costa ditou a realidade do vencedor.

Os dois extremos, Costa e Silvío, bem como Poeira e Reina, são de citar como bons elementos.

Coruchense, 1 — Farense, 2

Marcadores: Vinagre e Tarro

Quando o Farense chegou a 2-0, o pensamento da vitória passou a desenhar-se desde logo. O ataque tinha concretizado o suficiente para que o triunfo se não negasse aos algarvios.

Coube, depois, à defesa, a missão árdua de neutralização, missão que não pôde ser cumprida totalmente, posto que a escassos minutos do fim os ribatejanos fecharam o prélio com honra para o seu ataque, reduzindo a diferença.

Tarde abaixo das possibilidades daquele mesmo Farense que víramos em S. Luís, brilhante e autoritário, frente ao Atlético.

Vinagre, Reina e Vieirinha, foram elementos destacados.

Serpa, 3 — Portimonense, 1

O Portimonense conseguiu aberrar-se do intervalo empatado, a uma bola, se bem que reflectindo «nulo» e algumas nulidades, com uma equipa «espelho» da outra.

Depois, falou a autoridade dos donos do terreno que, aquecidos pelo ambiente «casa» cresceram e levaram de vencida a defesa Barlaventina, ao consentimento, pouco vulgar, de três golos.

São de referir, como os melhores elementos, Camarinha, Jorge, Di Paola e Arquimínio.

Jogos para amanhã

MONTIJO 14 p. - FARENSE 20 p.

Mais uma jornada plena de «Alpes», para o «Leões de Faro», em que o desfalecimento seria o risco de perder a «camisola amarela»

BARCO DE ENVIADA 11,50 mts. motor diesel 30 HP est. novo, devidamente apetrechado TSF e ponte. Vende-se Tratar Rua da Soledade, 15-1.º OLHÃO

Proprietários!!! Capitalistas!!! Não comprem Não vendam Não hipotequem PROPRIEDADES Sem primeiro consultarem "A CONFIDENTE" "A CONFIDENTE" não é uma agência vulgar, mas sim uma grande organização. "A CONFIDENTE" tem quase 1/4 de século de existência. A CONFIDENTE (A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS) LISBOA Rossio, 3-2.º (Ang. da R. Augusta) Tel. 21391-30257-367765-367767 PORTO R. Passos Manuel, 14-1.º (Ang. da R. Sá da Bandeira) Tel. 28721-27011-31309-31729

para triunfar, baseados na «fórmula» de que: «querer é poder».

OLHAN. 19 p. - PORTALEGR. 8 p.

Os azúis ainda não ganharam aos algarvios (nem cá nem lá), e devem trazer no pensamento a ideia de durar e sobreviver, apesar de tudo, procurando sabotar a engrenagem do ataque rubro-negro a poder de prisões de movimentos.

No entanto, não é muito de crer na possibilidade do seu êxito por um «nulo», dado que o Olhanense deve reaparecer em máxima força e disposto a desmentir, nesse mesmíssimo Estádio Padinha, o incidente da sua ineficácia, frente ao grupo da Costa do Sol.

Triunfo de Olhão, de acreditar, talvez difícil, mas nunca impossível, tanto mais que Olhão está com o pensamento em Faro e no Montijo...

António A. Santos

Campeonato D. de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão

Primeira derrota do Lusitano, Primeira vitória do Boa Esp. Portimonense Amanhã, em Silves, o Unidos vai defender o 2.º lugar...

Unidos, 4 — Lusitano, 2

Louletano, 2 — Silves, 3

O «leader», justamente aureolado de um grande prestígio (invicto na 1.ª volta) embora lutando tenazmente e deixando no rectângulo a marca inconfundível de um futebol de categoria, não resistiu à hegemonia e à constante pressão da turma sambrasense, que, sem dar tréguas, batalhou incansavelmente, com a ideia fixa de vingar a derrota da primeira volta.

No xadrez unidense, notou-se claramente a preocupação dos extremos, centrando o esférico com precisão, criando clareiras que foram exploradas habilmente, batendo assim o último reduto lusitanista. Desta maneira, o segredo da vitória foi precisamente o aproveitamento oportuno e dos golos nas fases culminantes de perigo.

A arbitragem do sr. Florêncio foi de uma autoridade incontestável, preciosa no julgamento das leis da vantagem. Em suma, atenta e imparcial.

Campeonato Distrital de Juniores

Resultados da 3.ª jornada:

Zona de Barlavento

Portimonense, 1-C. F. Esperança, 4

Zona de Sotavento

Unidos, 2 — Lusitano, 3

Olhanense, 5 — Farense, 1

Jogos para amanhã

Zona de Barlavento

C. F. Esperança — Silves

Zona de Sotavento

Lusitano — Farense

Unidos — Olhanense

Cine-Foz

DOMINGO, sensacional reposição em cópia nova de super-scope, de Joana d'Arc, com Ingrid Bergman e José Ferrer. (Para 12 anos).

TERÇA-FEIRA, para cumprimento da Lei de Protecção ao Cinema Nacional, Cantiga da Rua, com Alberto Ribeiro e Santos Carvalho. (Para 12 anos).

BREVEMENTE, em cinemas-cópia, Príncipe Valente, com James Mason e Janet Leigh.

Conclui na 4.ª página.



# COMENTÁRIOS À VIDA E PESCA DO ATUM FEITOS À LUZ DA NOSSA TEORIA

Conclusão da 1.ª página

Embora esta armação disponha de vastíssimo «campo de actividade» o seu rendimento piscatório deverá ser normalmente fraco, relativamente à grande extensão que possui o aparelho, pois a orientação do seu lançamento deixa muito a desejar, no que se refere ao caminho seguido pelo atum na sua marcha ou «corrida» para Les-Nordeste, quando da «corrida de direito».

E assim a orientação da bissectriz do citado ângulo é de cerca de 42 graus Noroeste quando, na realidade, deveria ser de 82 graus Sudoeste, visto que 82 graus Nordeste é, na respectiva região marítima, a trajectória média daquela importante «corrida».

## SOBRE MOVIMENTAÇÃO MIGRATÓRIA DESTE PEIXE

As deslocações do «atum estacionário» e do «atum de revés»

Convém esclarecer que embora o «atum estacionário» e o «atum de revés» venham normalmente do mesmo lado, do Nascente, neste trecho da costa algarvia, não se deslocam ou caminham eles da mesma forma. Aquele atum descreve trajectória algum tanto sinuosoidal (espécie de bordo de terra, bordo do mar), ao passo que a trajectória deste é, geralmente, uma linha recta precisa e bem definida, tal qual a correspondente ao rumo do navio quando navega no alto mar.

As quatro armações tavienses, cujas bissectrizes dos ângulos respectivos têm a direcção Nordeste, deveriam ser orientadas no seu lançamento de forma tal que a direcção delas fosse Les-Sueste em ambas as temporadas de pesca.

Não haveria lançamentos especiais para o «atum de recuado» e para o «atum de revés»; e, assim, nas duas épocas seria efectuado um único lançamento, dispondo as armações sempre do seu «quartel», aliás órgão de alta importância para efeito da sua produtividade.

Não se teria, desta forma, que alterar a sua constituição durante os quatro meses de permanência no mar, pois o lançamento único satisfaria cabalmente a óptima produtividade em ambas as épocas de pesca.

Devemos todavia evidenciar que a verdadeira temporada de pesca destas armações é a «de revés», pois a «de recuado» é algum tanto contingente, por motivos que se afirmam óbvios.

Convém ainda esclarecer alguns assuntos relacionados com os lançamentos destas artes de pesca.

Supomos que afirmam os «mandadores», aliás pessoas da nossa especial simpatia, que estas armações não se devem lançar com «quartel» na época «de recuado», porque este afugenta o peixe.

Não produzem razões justificativas da sua afirmação. Não perfilharam, de maneira nenhuma, tão peregrina asserção e, por isso, nesse sentido nos vamos explicar.

Na realidade o «Quartel» não afugenta o peixe. O que ele faria de facto era obstar a que o atum embatesse na parte anterior do sistema que compõe a armação, pois na sua marcha sinuosa embateria, normalmente, na parte traseira do «Quartel», desviando este, desta forma, o peixe da arte respectiva para o mar, pelo que não poderia assim ser capturado.

E tudo isto deriva da má orientação do aparelho, relativamente à marcha do atum; e, assim, se porventura dessemos à armação uma rotação de cerca de 67 graus, do Nordeste para o Sueste, todo esse inconveniente desapareceria, visto que, desta forma, já o aparelho admitiria o «quartel», sem prejuízo, mas antes com apreciáveis vantagens.

E' pois de natureza bem simples a eliminação do citado inconveniente, que, aliás, reduz apreciavelmente o rendimento do aparelho em causa.

O lançamento único, com «quartel», das armações de Tavira

Outro ponto: dizemos nós que as quatro armações da costa de Tavira se deverão lançar com dada orientação e de forma única em ambas as temporadas de pesca.

Convém todavia esclarecer que a época «de recuado» requer o «corpo» da armação mais a terra. É que o «atum estacionário» tem tendência manifesta para caminhar para o lado do pólo elevado do hemisfério respectivo e, assim, para o lado do Norte, nesta região marítima.

Pelo contrário, a temporada «de revés» exige que o «quartel» da armação se situe mais ao mar, visto que o peixe, nestas condições, mostra tendência para «amarar».

Há portanto que se conseguir uma situação de compromisso para o «quartel» das armações, no que respeita ao lançamento único, para efeito do seu exercício piscatório nas duas temporadas, as quais vão, praticamente, de Maio a Agosto.

Supomos que em devido tempo a armação do «Cabo de Santa Maria» se lançou com dois «quadros» (o de terra e o de fora ou do mar). Parece-nos que se verificou então que o «quartel» de maior rendimento era o de terra. Não ouvimos, porém, referir explicação para o facto. A que nós aventamos para ele, é a que expusemos anteriormente: que o «atum de direito» manifesta tendência para «aterar».

Se porventura se tivesse lançado «de revés» aquela armação nas mesmas condições, verificar-se-ia que o «quartel» sito mais ao mar seria o de maior rendimento piscatório.

O problema das armações da

costa de Tavira poderá talvez resolver-se com um lançamento único, munido do indispensável «quartel», tendo este, na época «de recuado», um «quartel» mais a terra do que na temporada «de revés», em que o «quartel» deverá ser colocado mais fora, desde que não consideremos uma situação de compromisso para este efeito.

Posto isto, infere-se que o problema das armações fixas para a pesca do atum deverá ser revisto conscienciosamente sob os seguintes aspectos: orientação mais adequada do aparelho, relativamente à marcha ou «corrida» do atum; extensão mais conveniente a dado efeito; alterações a introduzir-se-lhe, embora ele, na sua essência, pareça porventura perfeito, etc., etc.

Providenciemos pois, quanto antes, sobre este estado de coisas, a bem da economia da Província, pondo-se de parte a nefasta e bem arreigada rotina que, a nosso ver, tem possivelmente trazido altos prejuízos para as Companhias de Pescarias interessadas na exploração da pesca do atum na costa do Algarve.

Razões por que o peixe que «aterar» nas nossas armações não entra nas mesmas

Finalmente, esclareçamos um facto interessante que, de certo modo, parece ter originado o erro de orientação de que enfermam as armações fixas para a pesca do atum, sitas na costa do Algarve.

Estas armações capturam o atum «por tabela», isto é, pescam o peixe que, «embatendo na costa», caminha seguidamente ao longo dela, entrando depois na armação. E este é uma pequena parte do peixe que «aterar» nela.

A outra parte do atum que realiza esse «embate», a mais importante, lança-se para o mar depois da «ateragem», a fim de aí retomar a «corrida».

Não capturam deste modo, essas armações, como aliás seria para desejar, o atum na sua «corrida» directa, isto é, do mar para a terra, aliás a mais rendosa e importante, por falta de orientação adequada a esse efeito.

Exemplifiquemos:

a) — imaginemos um cardume de mil atuns, com a orientação de «corrida» Les-Nordeste, a «embater» na costa do Algarve, em local situado entre Quarteira e o local da armação do «Cabo de Santa Maria».

Deste «embate» resulta, provavelmente, que 80 por cento do cardume, por exemplo, caminhará para o mar de seguida, para depois retomar a «corrida» normal; e os restantes 20 por cento desse cardume seguirão, após esse «embate», ao longo da costa, indo depois entrar na armação em que serão capturados; e

b) — suponhamos agora outro cardume com o mesmo número de elementos, mas que, vindo do mar, atinge em cheio a armação do «Cabo de Santa Maria».

A quase totalidade deste cardume, cerca de 80 por cento, por exemplo, «embaterá» na parte traseira do «quartel» da armação, caminhando depois para o mar a parte mais importante dele, para, de seguida, retomar a «corrida» normal, enquanto que a outra parte seguirá, provavelmente, ao longo da costa situada a Leste desse mesmo «quartel», razão por que não poderá ser capturada pelo aparelho respectivo; os restantes 20 por cento, de seguida e possivelmente, irão «embater» na costa sita a Oeste da armação, seguindo depois caminho ao longo dela, indo, desta forma, entrar nesta arte em que serão aprisionados.

Se porventura a armação estivesse orientada como preconizámos, teria ela recebido directamente todo o cardume vindo do mar e, assim, em vez de essa armação ter pescado 200 atuns, teria capturado 1.000 peixes, isto é, a totalidade do cardume, o que de facto seria mais para desejar.

Dos dois exemplos precedentemente citados se infere da razão que tem levado os «mandadores», aliás na melhor das intenções, a informar que o atum vem do «Mar de Albufeira», isto é, do Oes-Noroeste, e, nesta conformidade, têm orientado o lançamento do seu aparelho de pesca, quando, na realidade, esse peixe vem do mar largo com a orientação de Les-Nordeste.

De facto, o que os «mandadores» mais devem notar não é, propriamente, a marcha do atum do mar para a terra, na sua «corrida de direito». Esta marcha do peixe, não lhes é dado observar com tanta frequência, mas, sim, a movimentação do atum ao longo da terra, aliás verificada mais amiudadamente, e já depois de ter «embatido» nela.

Eis pois a possível origem do grave erro de que enfermam as armações desta região marítima, segundo a nossa maneira de ver.

Mas, verificado esse erro, fácil será remediá-lo de futuro, a bem da economia da província do Algarve.

Outro tanto se passa com as armações da costa de Tavira na época «de recuado» e, nomeadamente, na temporada «de revés», sem mais pôr nem tirar.

Poder-se-iam citar outros exemplos aplicados directamente a estas armações, como referimos para a do «Cabo de Santa Maria», mas julgamos dispensáveis essas citações, visto que o assunto parece ter sido apresentado com a necessária clareza para esta armação, pelo que, salvo apenas outras direcções a considerar, no que respeita à orientação das armações e da marcha do peixe, os exemplos a citar para aquelas outras artes seriam idênticos aos que foram apresentados para esta.

NOTAS: 1) Nas considerações precedentemente feitas, admitimos que o atum da «corrida de direito» reverterá em «atum estacionário» em profundidades aproximadamente iguais aquelas em que, normalmente, se lançam os «corpos» das armações.

2) A expressão «embater na costa», usada de facto com certa liberdade, pretende significar: atingir os baixos fundos da costa.

José Salvador Mendes

No próximo artigo será apreciado o «Lançamento único e experimental da armação do Livramento».

## A CRISE DA INDÚSTRIA CORTICEIRA

Conclusão da 1.ª página

dignos da atenção das entidades competentes.

Na verdade, enquanto não se realizarem acordos internacionais que consigam melhorar os mercados externos de consumo, e não se estabelecer protecção à indústria corticeira, vergada sob pesados encargos, esta caminhará entre rotina e decadência.

Silves é um espelho da crise corticeira.

Sobre o mesmo assunto, recebemos do nosso estimado amigo e assinante sr. Vasco d'Elvas Mascarenhas Miranda, distinto agente do Banco de Portugal em Portalegre, uma expressiva carta informando-nos que «a situação da indústria corticeira daquela região atravessa

## ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO de antigos alunos e professores DO LICEU DE FARO

Conclusão da 1.ª página

Moreno, Augusto Bolotinho, que pediu um minuto de silêncio em memória dos professores e alunos falecidos; dr. Maurício Monteiro, Vasco Rocha e dr. José António Madeira. Este realçou o significado das comemorações levadas a efeito pelos professores e alunos do Liceu de Faro — outrora de João de Deus — no dia 1.º de Dezembro, exaltando o seu civismo e o seu patriotismo. Depois referiu-se à proposta apresentada no II Congresso Regional Algarvio pelo sr. dr. Maurício Monteiro no sentido de ser criado um Jardim-Escola na terra natal de João de Deus e na qual se sugeria que as crianças das escolas de todo o País contribuissem no dia 8 de Março com uma pequena quantia para a instalação do Jardim-Escola. Conveniente de que era inexecutável a instalação dessa escola em S. Bartolomeu de Messines, sugeria que a mesma seja instalada em Faro, pedindo-se para o efeito o apoio do sr. ministro da Educação. Mostrou-se convencido que a população escolar do Algarve, abrangendo todos os graus do ensino, poderia dar volumosa participação à simpática e justa iniciativa, coadjuvada pelas autarquias locais.

Por último o sr. dr. José António Madeira lamentou que ao primeiro estabelecimento de ensino da Província tivesse sido retirado o nome de João de Deus, ponderando: «A genial intuição de ligar o nome de João de Deus ao Liceu de Faro não perdurou muito tempo. Talvez em planeamento geral, no intuito de um acerto mais racional dos no-

### Casa do Povo de Alcantarilha

Declara-se aberto o concurso para o provimento do lugar de médico deste Organismo.

As condições do concurso encontram-se patentes na Sede.

Alcantarilha, 3 de Dezembro de 1957.

O Presidente da Direcção, Domingos Gonçalves Vieira

dificuldades muito semelhantes às do Algarve». Em nosso nome e no do nosso ilustre colaborador sr. João Fernandes, agradecemos-lhe as amáveis referências e as palavras amigas e de incitamento que se dignou dirigir-nos.

mes dos patronos dos vários liceus do País, se tivessem apagado na rigidez da lei as letras de ouro do nome do Poeta que ornavam o nosso antigo e saudoso liceu e onde a vida escolar decorria sob a sua égide.

«Há que repor agora no seu verdadeiro significado esse nome que todos os portugueses veneram e admiram e nós, algarvios, em unísono clamor, devemos solicitar dos poderes públicos a sua restituição ao primeiro estabelecimento de ensino do Algarve».

Como consequência desta sugestão, a Casa do Algarve enviou um telegrama ao sr. prof. eng. Leite Pinto a solicitar que o liceu farense volte a ter como patrono João de Deus.

Encerrou os discursos o sr. general Santos Correia o qual lembrando que os alunos do Liceu de Faro festejavam sempre o 1.º de Dezembro e porque a reunião tinha as suas raízes nessa manifestação patriótica, dava-lhe todo o seu aplauso. Agradeceu à Casa do Algarve o muito que tem feito pela nossa Província, evocou a sua terra, Loulé, e terminou, para manifestar o seu amor pelo Algarve, recitando versos de João Lúcio.

Agradecemos o convite feito ao *Jornal do Algarve*.

## A OBRA de Teixeira Gomes

Conclusão da 1.ª página

Teixeira Gomes e a quem cabe o maior quinhão de merecimento nesta iniciativa editorial, pois dele partiu a ideia da reedição da obra e nesse sentido fez as diligências precisas a bem servir as letras pátrias através da divulgação do que foi um dos nossos maiores produtores.

Para estas gerações novas que vagamente conhecem Teixeira Gomes, homem que ao talento de escritor juntava um apuro moral e uma delicadeza de trato invulgar, vai constituir surpresa a leitura da sua obra pelo que há nela de riqueza pictórica, de classicismo de linguagem, de objectividade crítica e de urdidura amena com seus matizes de graciosa malícia. Apesar da obra de Teixeira Gomes ser universalista, não se confinar portanto a uma região ou a um país, não podemos deixar, como algarvios, de nos regozijarmos com a homenagem que se presta ao que foi um dos mais lídimos representantes das letras portuguesas.

Durante o mês de Dezembro

# A CIDLA oferece:

## 10% de desconto no material

## 13 kgs. de Gazcidla

- a) — A todos os novos consumidores que comprem fogões, fogareiros e esquentadores, através da sua organização.
- b) — Aos antigos consumidores que comprem fogões ou esquentadores, também através da sua organização. Nos fogareiros terão apenas 10%.

## Vendas até 24 prestações

Mais de 100.000 lares preferem o

# GAZCIDLA

agora que é mais barato!

